**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO UMA AMEAÇA À DEMOCRACIA: UMA CRÍTICA A TECNOCRACIA**

**Autor Alex Cruz Brasil**

Universidade Católica de Brasília – UCB

alexcruzbrasil@gmail.com

**Autor Lucas Alves Furtado**

Universidade Católica de Brasília – UCB

lucasfurtadoa@gmail.com

1. **Introdução**

O presente estudo pretende questionar se o uso da Inteligência Artificial - IA, ferramenta de inovação tecnológica e seus recursos (como os algoritmos de *machine learning*), influencia na política, ameaçando o estado democrático de direito. O objetivo é analisar o uso político e econômico da Inteligência Artificial e suas interferências na democracia, com o intuito de estabelecer relações com os grupos de poder que detém o controle de sua *tekhnē* (habilidade) e do seu *logos* (razão). Sendo eminente a discussão na sociedade para se garantir a defesa da democracia e da livre participação social, já que a IA serve como uma geradora de dados para corporações que controlam essa tecnologia para a exploração do trabalho e do consumo.

A pesquisa segue o viés materialista histórico-dialético como movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida em sociedade. Conforme Florestan Fernandes (1980, p. 118): “O materialismo dialético constitui uma fusão do modo de pensar dialético com a investigação exata da natureza e da história”.

Os debates sobre IA decorrem após a metade do século XIX, conforme Rodrigues e Rodrigues (2024); Boulay (2023); ora eivadas por uma hiperbólica positividade redentora da humanidade, ora por uma visão temível que inspirou filmes apocalípticos. Para além dessas análises, se faz uma abordagem crítica que o atual estado do uso da IA vem representando uma nova forma de controle social e maximização de poder já que, sua operação está restrita a poucas corporações, as Big Techs (Apple, Amazon, Microsoft, Alphabet (Google) e Meta), cujo patrimônio são calculados em trilhões de dólares, ultrapassando o Produto Interno Bruto de vários países do Sul Global.

No processo histórico dos últimos três séculos, o uso da tecnologia e de inovações dos meios de produção foram apropriados por uma classe hegemônica e sua influência na cultura humana acabaram por favorecer a concentração de poder e a exploração dos trabalhadores. As mudanças tecnológicas, sociais e políticas dos séculos XVIII e XIX que gerariam paz, liberdade e prosperidade a todos se esvaiu numa era de colonialismo, genocídio e guerras. No século XX o mundo estava repleto de tecnologias revolucionárias em avanço constante, que encurtou o tempo e as distâncias, mas que acabou não em um progresso idílico e sim no século mais assassino, com fomes e genocídios sistemáticos (Hobsbawn, 1995).

A classe hegemônica burguesa transverteu as mudanças revolucionárias industriais, a democracia como forma de governo e as liberdades individuais, como interpreta Marx e Engels (2020, p.46), a burguesia: “Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas”. Se no capitalismo industrial a tecnologia que revolucionou novas formas de produção e descobertas científicas de uma forma geral foi capturada por uma razão instrumental, infere-se que as novas ferramentas de Inteligência Artificial, com usos de *machine learning*, algoritmos, representem consequências semelhantes, ambas não representam transformações nos alicerces da luta de classes ou da hegemonia burguesa.

Conforme Zuboff (2019) há um capitalismo de vigilância correspondente ao controle de dados pessoais de usuários das grandes *Big* *Techs*, que exploram tais dados para fins mercadológicos. Tais informações compõem um aglomerado de escolhas comportamentais que são utilizados para influenciar esses comportamentos em várias esferas da vida privada de seus usuários. Assim, fornecendo um superpoder de influenciar escolhas políticas à mercê dos interesses dos integrantes desse seleto grupo hegemônico no poder.

Atualmente, um ímpeto político de ascensão da extrema direita ecoa pelas nações democráticas, depois de duas guerras mundiais com experiências totalitárias, parte do globo assiste o retorno de ideias conservadoras e neoliberais como forma de resolver as crises capitalistas que se apresentam às nações. Mulhall (2022) relata que os movimentos de cunho fascista, de ódio e racistas, não foram derrotados, apenas estavam submersos como força política. Com o advento das redes sociais, crises econômicas e fiscais dos estados; esses grupos têm ganhado adeptos e crescido nas bancadas dos parlamentos em países com uma democracia antes pujante, em uma fragilizada, de instituições anteriormente fortes em desvalidas.

No universo das redes, na cibercultura, criou-se uma crise da democracia liberal, de forma que a construção da realidade e dos nossos comportamentos depende das redes sociais (Castells, 2018). Estas, instrumentalizadas em algoritmos orquestrados pelas corporações de tecnologia, usando a IA. Nos últimos anos, as três maiores democracias do mundo, os Estados Unidos, a Índia e o Brasil foram governadas por presidentes de extrema direita, Trump, Modi e Bolsonaro; respectivamente, os processos eleitorais sofreram interferência das novas tecnologias (Mulhall, 2022). Assim, a IA é uma ferramenta do poder privado de grandes empresas capitalistas que detém controle de dados brutos, políticas de uso e com pouca regulamentação. Assim, o uso de IA, sem o devido conhecimento acerca do funcionamento das tecnologias, pode contribuir para a consolidação do modo de produção capitalista vigente.

1. **Metodologia**

A metodologia utilizada é de tipo qualitativa, de revisão bibliográfica, onde pela perspectiva materialista histórico-dialética correlaciona-se Inteligência Artificial, democracia e hegemonia.

1. **Resultados/Discussões**

Porque utilizar teorias marxistas que buscavam explicar uma realidade anterior, que se direcionavam a uma sociedade industrial, conservadora e antagônica? Pelo simples motivo de que a formação social da produção das riquezas e da organização da sociedade atual, sentem um refluxo de ideias autoritárias e neoconservadoras nas relações sociais adentrando os campos de conhecimento e influindo na constituição de sujeito dos indivíduos e das instituições.

Ao se retirar o véu que esconde as relações econômicas e sociais, o burguês está nu. É o velho liberalismo com roupagem de neoliberalismo, a velha estrutura industrial, militarizada, a sociedade disciplinar agora como uma sociedade de controle, com modulação por algoritmo e manipulação por redes.

A crítica ao modelo econômico e político preponderante do capitalismo e liberalismo com bases epistemológicas no marxismo nunca foram tão atuais. A Superestrutura (Direito, Estado, Ideologias) e a Infraestrutura (unidade das forças produtivas com as relações de produção) continuam a toda visualização virtual nas redes, a todo movimento do dedo nas telas.

Conforme Althusser (2008), a formação social capitalista é dependente de um modo de produção dominante; nessa relação simbiótica entre as formas de produção e as forças produtivas, tanto uma quanto a outra, necessitam de estratégias para se reproduzirem enquanto sistema. A reprodução das forças produtivas também necessita de uma mão de obra qualificada, para exercer as tarefas do trabalho, bem como de tecnologias mais eficientes e eficazes gerando mais lucro ao capitalista. Conta-se nos dedos os bilionários que controlam bilhões de pessoas.

1. **Considerações Finais**

O resumo apresentou algumas relações entre o uso da IA e a ameaça a democracia numa visão histórico-dialética, sem, contudo, esgotar ou encerrar a discussão. Os impactos do uso da IA ainda são imprevisíveis, mas a forma que se apresenta no arcabouço burguês, com uso de dados restritos a poucas corporações numa lógica capitalista excludente e sem vinculação ao interesse público pode ter consequências desfavoráveis para os trabalhadores, a natureza e a justiça social. A IA deveria estar a serviço do progresso humano, gerar benesses sociais, melhorar as relações com o meio ambiente e propiciar a paz.

1. **Referências**

ATHUSSER, Lois. **Sobre a reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOULAY, Benedict du. **Inteligência Artificial na Educação e Ética**. RE@D – Revista de Educação a Distância e Elearning, v. 6, n. 1, p, 2023. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/32242>. Acesso em: 20 out. 2024.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. 1ºed. Rio de Janeiro Zahar, 2018.

FILGUEIRAS, Fernando. **Machine Learning: evidências ou alquimia em políticas públicas no Brasil?** Repositório do Conhecimento do IPEA, 2023a. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/13545>. Último acesso: 22 out. 2024.

FERNANDES, Florestan. **A natureza sociológica da sociologia.** São Paulo: Ática, 1980.

HOBSBAWM, Eric John. A **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Pietro Nassetti. 1° edição em 1848. São Paulo: **Martin Claret**, 2000.

MULHALL, Joe. **Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial**. Tradução de Teresa Dias Carneiro. São Paulo: Leya Brasil, 2022.

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. **A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT**. Texto Livre, v. 16, p. e45997, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/45997. Acesso em: 22 out. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1 A ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.